

Racialização como efeito do colonialismo e constituição psíquica

Racialization as an effect of colonialism and psychic constitution

Carmen Regina Teixeira Gonçalves

Resumo

Este artigo discute o colonialismo na constituição das subjetividades de pessoas negras, enfocando a noção de humanidade e o impacto na realidade social e psíquica. Ancora-se em Frantz Fanon, o conceito de raça na construção da subjetividade negra, e no cotejo com Freud em o Mal-estar na Cultura. A dinâmica do estádio do espelho oferece questionamentos sobre a construção de subjetividades calcadas no outro que racializa, estereotipa corpos, isto é, os esvazia de humanidade. À clínica contemporânea chegam demandas que reivindicam o lugar da humanidade na pluralidade de sujeitos e cabe investigar como a psicanálise tem realizado ou não essa escuta.

Palavras-chave: colonialismo, raça, subjetividade negra.

Abstract

This article discusses colonialism in the constitution of the subjectivities of black people, focusing on the notion of humanity and its impact on social and psychic realities. It is based on Frantz Fanon's concept of race in the construction of black subjectivity and its comparison with Freud's Evil in Culture. The dynamic of the mirror stage raises questions about the construction of subjectivities based on the other, which racializes and stereotypes bodies, in other words, empties them of humanity. The contemporary clinic receives demands that claim the place from the humanity in the plurality of subjects, and how psychoanalysis has or hasn't done this listening.

Keywords: colonialism, race, black subjectivity.

O colonialismo é a expressão máxima da violência, pois somente se efetiva por meio da dominação, exploração e do projeto de aniquilação de sociedades inteiras, culturas e riquezas de todas as ordens. O comércio transatlântico de africanos escravizados forçosamente os obriga a empreender a *passagem do meio*, no qual o retorno concreto ao ponto de partida já não se faz possível: o caminho forçado a percorrer de suas comunidades estava para trás, a chegada

ao desconhecido efetivada, a imposição do esquecimento estabelecida por meio da empresa colonial que pirateou culturas e sociedades, sequestrou e comercializou seres humanos, encarcerou corpos e mentes. Gonçalves (2019, p.49) nos provoca à reflexão: - Como tornar à existência diante de tamanha iniquidade? De que modo fazer a substância vibrar em corpos saqueados pela violência em todas suas expressões? Como pensar a construção de subjetividades em meio ao



primado do não humano referente aos corpos racializados, diga-se corpos negros e ameríndios?

Aproximamo-nos de Frantz Fanon, psiquiatra martinicano, autor de diversas obras, entre elas “Pele Negra Máscaras Brancas (1952/2008)”, na qual por meio da fenomenologia, do existencialismo Sartriano e do marxismo propõe uma análise radical de transformação da realidade social. Fanon estabelece determinado diálogo com a psicanálise, ao convocá-la como instrumento para pensar o colonialismo e entender seus efeitos psíquicos sobre os indivíduos. Ele ressalta que o fenômeno da linguagem é de fundamental importância, uma vez que “falar é existir absolutamente para o outro” (Fanon, 1952/2008, p.33). Para tanto, o autor articula a experiência individual ao contexto coletivo e, nessa direção, instala a sociogenia em proximidade com a filogenia e a ontogenia. Seria, por assim dizer, compreender a experiência subjetiva em sua dinâmica relacional, social e cultural, que, por sua vez, termina por influenciá-la. Destaque para o fato de que Fanon não considera de pouca relevância tanto a filogenia quanto a ontogenia, mas entende que, para se compreender o processo de subjetivação, não se pode perder de vista a importância de elementos externos oferecidos pelo funcionamento da vida social.

Neste ponto, trazemos Freud com o *Mal-estar na Cultura* (1930/2024) para nos ajudar a compreender o que Faustino (2023) nomeia como mal-estar colonial. No texto, Freud descreve e analisa o estabelecimento das bases de constituição da vida em sociedade. A regulação da vida social se faz pelo primado da contenção das pulsões, algo entre o prazer a ser buscado, por um lado, e a destruição por sua satisfação imperativa, por outro. Segundo Freud (1930/2024, p.264), o sofrimento advém de três fontes: a) do próprio corpo, b) do exterior, e c) das

relações. Sendo que a fonte preponderante é dada pelas relações humanas, as quais são imprescindíveis, inclusive para a própria constituição do sujeito que se faz mediante a alteridade, uma vez que somos produzidos na relação, ainda que esse encontro seja de caráter impactante, frustrante, também doloroso.

Vale ressaltar que essa noção de mal-estar não se coloca na oposição entre indivíduo e cultura, entretanto, o movimento de interiorização das regras sociais provoca cisão no indivíduo, isto é, entre o prazer de seguir as regras e os apelos da pulsão e sua necessidade de satisfação gera-se o mal-estar.

Para Fanon (1952/2008), o colonialismo é uma forma de capitalismo fora do continente europeu que se sustenta por meio da aniquilação de povos, apropriação de riquezas, expropriação de terras, exploração de mão de obra não paga. Tal engenharia forja e reproduz um mundo não apenas circunscrito à intersubjetividade como também à materialidade da existência que não pode prescindir do aspecto subjetivo e objetivo em sua desembocadura no mundo simbólico. A discursividade racializada funciona na associação entre negro e objeto, ainda que seja antecedido por seu caráter de abjeção.

Sendo o preto absolutamente estigmatizado e estereotipado com referência direta ao que é abjeto e, por isso, deve ser afastado, não somente como coisa, sobretudo, como coisa repulsiva, feia, amorfa. Afinal, o racismo o torna um “algo”, “coisa” ausente de/da vida, manipulável em sua corporeidade, “corpo mercadoria; corpo fantasmático” (Mbembe, 2017, p.245), logo, um corpo transparente; enclausurado, plástico; um corpo sem vontade.

Corpo-coisa que cabe em qualquer produção discursiva dada por outro sobre si. As considerações feitas por Bhabha (2014) acerca do estereótipo apontam

para a falsa representação de certa realidade, sendo o estereótipo uma simplificação, pois indica ser uma forma fixa e presa de representar o outro. Trata-se de negar o próprio jogo da diferença, acarretando dificuldades para a representação do sujeito em termos de conferir sentido às suas relações psíquicas e sociais. Alerta-se que, ao negar o acesso ao reconhecimento da diferença, impede-se as chances da diferença circular de outro modo, porém, o “estereótipo impede a circulação e a articulação do significante de “raça” a não ser em sua fixidez enquanto racismo” (Bhabha, 2014, p.131).

Já Patrícia Hill Collins (2019, p.136), ao tratar do conceito de imagem de controle, afirma que o estereótipo funciona não para representar ou refletir sobre dada realidade, mas sim opera para disfarçar as condições objetivas da vida material. Assim sendo, reduz e naturaliza a injustiça, os lugares e os sujeitos de submissão.

“Preto sujo! Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”(Fanon, 2008, p.103). Com essa frase, Fanon inaugura o capítulo “A experiência vivida do negro”. Trata-se da presença do conflito na construção da subjetividade das pessoas negras frente a colocar-se no mundo a partir de seu corpo. Não somente um corpo, mas um corpo negro esvaziado de sentido e ignorado como existente. O negro vivencia dificuldades na consciência de seu corpo, numa ação negadora de si, uma vez que é determinado a partir da percepção do outro colonial racista. Ao mesmo tempo em que esse corpo negro anseia pelo vir a ser de sua brancura, é o mesmo que se colocará no/diante do mundo por meio do que vê, sente, age e pensa.

A psicanalista Neusa Santos Souza (2021, p.64), em seu livro Tornar-se Negro, acompanha as concepções de Fanon ao afirmar que o ideal do ego do negro é branco, pois nasce e vive engolfado pela ideologia produzida pela

brancura como ideal a ser perseguido e atingido. Este é o modelo de humanidade civilizacional, isto é, ser branco. Para tanto, todos os recursos são utilizados: a negação de si mesmo, o auto-ódio, a transformação física, social, psíquica.

Tal movimento é acompanhado pelos modos de ser reconhecidos pelo outro, à medida que sua existência é identificada, ainda que não seja valorizada, ou mesmo seja reconhecida sua racionalidade. A produção da negação da presença do corpo negro no mundo evidencia esforços na constituição da estrutura de dominação em todos os âmbitos da vida humana, alijando o corpo negro às zonas de *não-ser*, destituindo-o de humanismo e empatia.

Fanon (1952/2008) alerta que o negro quer ser branco, nem que para isso se utilize de máscaras brancas para de algum modo atingir a condição de ser. Todavia, ao dar de frente para o branco, ele retoma a condição de *não-ser*, o não existente. Sugere ser o que podemos nomear como ciladas do racismo, embora por mais que o sujeito negro busque modos (metáfora da máscara branca) de estar o mais próximo possível do ideal de humanidade, , ao estabelecer a relação com o sujeito branco, sua tentativa ficará exposta e, assim, a sua condição da desumanização ativamente produzida se notabilizará.

A filósofa, intelectual e ativista Lélia Gonzalez (1983) anuncia seu interesse pela psicanálise, mais especificamente sobre o pensamento lacaniano, a fim de buscar compreender a cultura e política brasileira e latino-americana. Em seu artigo “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (1983), dentre as diversas entradas que o texto nos proporciona, daremos acento à ideia de neurose cultural brasileira. Conforme Gonzalez (1983, p.224), sabemos que o neurótico cria formas de ocultar o sintoma porque há ganhos para si mesmo. Uma vez que não

haverá necessidade de ocupar-se com a angústia do recalcamento, ao falar de algo, negando-o ao mesmo tempo, revela-se sua afirmação. A “sintomática” do racismo no Brasil se constitui por sua denegação, ou seja, nega-se sua existência por meio de sua afirmação, por exemplo: “não existe racismo no Brasil porque a maior parte da população tem sangue negro e indígena, portanto, não é possível dizer quem é negro”. Por outro lado, não por acaso, a violência mata um jovem negro a cada 23 minutos¹ e os piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH), tais como renda, educação e saúde, estão circunscritos à população negra.²

Fato é que, em 1976, pesquisa realizada pelo IBGE (PNAD)³ deixou em aberto para os entrevistados responderem sua cor, sem oferecer as alternativas de costume: preto, branco, pardo e oriental. Desse modo, foram registradas, como respostas, 136 tipos de autoidentificação que correspondiam à cor/raça dos entrevistados, constatando-se a complexidade em tratarmos da categoria parda no Brasil. Evidentemente, temos tido avanços à medida que as organizações do Movimento Negro e ativistas têm trabalhado por políticas públicas de valorização e reconhecimento da negritude, mas andamos, ainda, em flagrante desigualdade entre não brancos e brancos.

A partir do (des)encontro colonial, algumas questões nos surgem: Quem não é branco o que é? Como pensar as diferentes experiências subjetivas nas sociedades colonizadas? Quais saídas possíveis para o círculo vicioso em que a subjetivação dos sujeitos negros foi

restringida pelo discurso estigmatizante produzido pela violência do racismo?

Na compreensão de Faustino (2023), uma possibilidade de análise nos foi oferecida por Fanon (1952/2008, p.26), no que diz respeito às zonas de *não-ser*. De tal modo, quando na passagem citada do livro “Peles Negras Máscaras Brancas”, Fanon (1952/2008) se refere à zona de *não-ser* como aquela em que os sujeitos negros deverão descer e alcançar sua profundidade, ou seja, descer em seu próprio inferno. Isto quer dizer que esse é o lugar de existência, o lugar em que o sujeito negro poderá confrontar seus medos, contradições, conflitos, negações. É a zona em que se depara com o próprio vazio, a falta, o duplo, a frustração.

O nada que, na verdade, é o tudo, lugar genuíno de experimentação da experiência humana, pois não há ocorrência de determinada essência que precederia o ser, trata-se do lugar da indefinição, do hiato. Portanto, lugar da criação e possibilidade de conferir sentido à própria existência pela capacidade de agência do sujeito. Sendo esses elementos que definem a subjetividade, o humano para Fanon (1952/2008) não requer certezas, mas experimentações das múltiplas alternativas de significação e ressignificação de si mesmo. Não seria esse lugar do vazio, o inconsciente? Não estaria Fanon apostando também, e não só, como forma de transformação do corpo/objeto em sujeito/autor da construção de sua subjetividade pela “descida aos verdadeiro inferno”? (Fanon, 1952/2008, p.26)

Porém, o que o racismo faz em seus processos de discriminação sistemáticos é impedir as pessoas de viverem as zonas de *não ser*, uma vez que atravessa as pessoas negras, não como seres humanos universais. Mas como produtos e mercadorias da sociedade colonial, que se serve dentre outras formas da mão-de-obra negra. Quem se instala nessa universalidade é o branco, embora seja pela força, pela via

1. <https://flacso.org.br/2016/06/06/a-cada-23-minutos-um-jovem-negro-e-assassinado-no-brasil-diz-cpi>

2. <https://www.undp.org/pt/brazil/publications/relatorio-especial-2023-25-anos-desenvolvimento-humano-no-brasil>

3. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

da dominação, sua subjetividade também é afetada pelo racismo. O trauma colonial é produtor de efeitos em ambos os lados, visto que a desumanização é também do sujeito branco, pois ao estabelecer-se em uma posição de poder torna-se capaz de realizar atos que o destitui de sua humanidade. Cenário exacerbado na atualidade por práticas discursivas envoltas em ódio, em destruição das diferenças, na aniquilação de pessoas pelo simples fato de não serem considerados como pares.

Partindo da afirmação de que a constituição do ser como sujeito é mediada pela relação especular, necessitamos da imagem que confirme nossa existência. Está instalada a ambiguidade na construção da subjetividade das pessoas negras, o que provoca diferentes efeitos. A psicanalista Isildinha Batista Nogueira (1998) utiliza o conceito de estádio do espelho para entender a dimensão racial neste processo. Estádio do espelho descreve o processo em que a criança se reconhece no espelho, na produção de uma imagem de si mesma a partir de algo que não é imediato, mas que é mediado pela linguagem, pela relação com o outro.

A autora dilata o conceito ao tentar compreender de que maneira um corpo notadamente negro passa por esse processo em um contexto racializado. Sinaliza para um elemento central, qual seja, o tornar-se sujeito naquilo que atravessa um corpo negro no estádio do espelho, no que é profundamente marcado pelo olhar racial do outro. Visto que esse outro já está imbuído de determinada visão social e racial prenhe de consequentes naturalizações simbólicas de caráter discriminatório, a supremacia branca, que associa traços negroides à julgamentos de valor, por conseguinte, inferior e excluído.

O sujeito negro quando se reconhece no espelho não vê simplesmente uma imagem neutra de si, em virtude do discurso do outro que participa desse processo, sua imagem já está carregada de

significantes relacionados à raça de modo negativo. Lidamos com uma imagem portadora e constituída de significantes raciais que opera nos pais que também fazem parte desse processo de reconhecimento, pois, tal qual as crianças, foram também atravessados por essa dinâmica de reconhecimento de si mediante sua relação com o outro marcado pelo ideal da brancura. Ideal da brancura que tem relação direta com o que é bom, belo, agradável, “atributos intelectuais e morais”: “[...] o corpo branco , como parâmetro de autorrepresentação dos indivíduos” (Nogueira, 2021, p. 5). Ao trazer a dimensão racial do estádio do espelho, a autora constata que o racismo não se limita a uma questão de cunho social, que já seria algo de enorme envergadura, mas é também fator preponderante do inconsciente para pensar a ideia de corpo negro. Em quais circunstâncias significantes esses elementos estão marcados? Como fazer a escuta de questões dos sujeitos relacionados ou inflacionados pela realidade sócio-histórica, econômica e cultural em que as pessoas estão banhadas? Como considerar fenômenos sociais com a produção de sintomas? O que surge quando se começa a tratar dos temas que atravessam os sujeitos? A autora não somente instiga a psicanálise a pensar o racismo estrutural e estruturante no desenvolvimento do eu, como também distende sem perder a densidade as contribuições de Lacan do inconsciente estruturado como linguagem e o conceito de *falaaser*.

Considerações finais

Se a pessoa não é branca, o que ela é? Outros corpos animados, mas não reconhecidos como humanos, isso é o que o processo colonial nos revela naquilo que resta. O que sobra do universal branco é racializado - e raça é um constructo elaborado para submeter povos inteiros em favor da universalidade branca. Se raça é

a guia mestra, não se pode ver as pessoas negras como iguais em humanidade, mas como corpos objetificados e em estado de natureza, sendo assim põe-se e dispõe-se, domina, explora, submete-os ao arbítrio do que é denominado por civilizado. Não há para o branco a noção de que também possui identidade racial, não se pensa como pertencente a uma raça, pois trata-se de ser a norma. É, por assim dizer, aquele pertencente ao estado zero da criação, dessa maneira há somente sua prevalência e o resto que resta nada mais é do que todo o planeta. Como pode ser pensada a manutenção do laço social nessas condições? Como permanecer na posição em que o laço está com a corda em nó no pescoço negro?

Pela via da violência extrema e por algo que sugere sua antítese, isto é, ao mesmo tempo ser um corpo desejado. Rejeição e desejo caminham lado a lado no pacto civilizacional. Pacto esse que funciona com sua base perversa a favor do branco e instala pessoas não-brancas, racializadas sob esse domínio. Mesmo que não chegue em muitas clínicas o sujeito negro (não por acaso), nela está o sujeito branco, como qualquer pessoa pensada pela via da teoria psicanalítica, chega com seu inconsciente que de algum modo surgirá em circunstâncias que será possível revelar seu lugar de privilégio racial. Todavia, será que o analista consegue fazer essa escuta? Como o discurso da neutralidade do analista pode se sustentar diante do sofrimento que se apresenta? Qual o tipo de escuta que será feita em que leve em consideração a angústia de existir sob o domínio do racismo? Quais são os reais motivos de acusarem de identitarismo (entendido pejorativamente) grupos, segmentos organizações que reivindicam sua humanidade, porém não discutem o identitarismo branco que sustenta a hierarquia social e racial dominante? Por que a discussão do racismo incomoda tanto o campo da psicanálise? φ

Referências

Bhabha, H. K. (2014). *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. UFMG.

Collins, P. H. (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Trad. Jamille Pinheiro Dias, 1^aed. São Paulo. Boitempo.,

Fanon, F. O. (1952/2008). *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA8.

Faustino. D. M. & Rosa, M. D. (2023). O mal-estar colonial: racismo, indivíduo, subjetivação na sociabilidade contemporânea. In: *Dossiê Psicologia Social e Antirracismo: compromisso social e político por um outro Brasil. Psicologia e Sociedade*, n.35. Pernambuco.

Freud. Sigmund. (1930/2024). *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. 1^aed. Belo Horizonte, Autêntica.

Gonçalves, C. R. T. (2019). *Ser quilombola/mulher e negra: a agência do coletivo de mulheres Empodere Se do quilombo de Pinhões*. Tese (Doutorado), Programa de Pós Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação (FaE), UFMG. Belo Horizonte. Brasil.

Gonzalez, L. Racismo e sexism na cultura brasileira. (1983). In: Silva. L.A.et.al. *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos*. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, n.2, (pp. 223-244),1983.

Mbembe, A. (2017). *Crítica da razão negra*. Tradução Marta Lança. 2. ed. Lisboa. Antígona.

Nogueira, I. B. (2021). Racismo, quando o corpo é marca e causa de exclusão. *Trama, Revista de Psicossomática Psicanalítica*, n.3. São Paulo. Acesso em 10 /12/24 https://www.sedes.org.br/Departamentos/Revistas/psicossomatica_psicanalitica/index.php?mpg=13.00.00&ver=por

Souza, N. S. (2021). *Tornar-se Negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro, Zahar.

Recebido em: 11/03/2025

Aprovado em: 22/04/2025

Sobre a autora

Carmen Regina Teixeira Gonçalves

Cientista Social

Pedagoga

Mestre em Educação UFOP

Doutorado em Educação UFMG

Candidata em Formação pelo Círculo

Psicanalítico de Minas Gerais

E-mail: regina.carmen@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3677-9995>